

DATA LUTA

BANCO DA DADOS DA LUTA PELA TERRA



MATO GROSSO DO SUL RELATÓRIO 2013



LABET

Laboratório de Estudos Territoriais

DATALUTA 

BANCO DE DADOS DA LUTA PELA TERRA



LABETUFMS

Laboratório de Estudos Territoriais

**DATALUTA/MS
BANCO DE DADOS DA LUTA PELA TERRA
RELATÓRIO 2013**

ELABORAÇÃO

Danilo Souza Melo
Mieceslau Kudlavicz

COORDENAÇÃO

Sedeval Nardoque
Rosemeire Aparecida de Almeida

Três Lagoas, dezembro de 2014

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
ESTRUTURA FUNDIÁRIA.....	5
Mapa 1 – MS: Índice de Gini da Estrutura Fundiária – 2012.....	5
OCUPAÇÕES DE TERRA.....	6
Gráfico 1 – MS: ocupações de terra – 2000 a 2013.....	6
Gráfico 2 – MS: ocupações de terras – 2013.....	7
Gráfico 3 – MS: número de ocupações e movimentos sociais em ocupações de terra – 2013.....	8
Gráfico 4 – MS: número de família em ocupações de terra – 1988 a 2013.....	8
Tabela 1 – MS: número de ocupações por movimento social – 1988 a 2013.....	9
Tabela 2 – MS: número de ocupações por movimento social – 2013.....	9
Mapa 2 – MS: Geografia das ocupações de terra – 2000 a 2013.....	10
Mapa 3 – MS: Geografia das ocupações de terra – número de famílias em ocupações por município – 2003.....	11
Mapa 4 – MS: Geografia das ocupações de terra – número de famílias em ocupações por município – 2000 a 2013.....	12
MANIFESTAÇÕES.....	13
Gráfico 5 – MS: número de manifestações – 2000 a 2013.....	13
Tabela 3 – MS: número de manifestações por movimento social – 2000 a 2013.....	13
Tabela 4 – MS: número de manifestações por movimento social – 2013.....	14
Mapa 5 – MS: Geografia das manifestações – número de manifestações por município – 2000 a 2013.....	15
Mapa 6 – MS: Geografia das manifestações – número de manifestações por município – 2013.....	16
Gráfico 6 – MS: número de manifestações por município – 2013.....	17
Gráfico 7 – MS: número de manifestações por tipologia – 2000 a 2013.....	17
Gráfico 8 – MS: número de manifestações por tipologia – 2013.....	18
ASSENTAMENTOS RURAIS.....	18
Mapa 7 – MS: Geografia dos assentamentos rurais – número de assentamentos por município – 1972 a 2013.....	19
Gráfico 9 - MS: assentamento rurais – 1972 – 2013.....	19
Gráfico 10 – Mato Grosso do Sul: famílias assentadas – 1972 a 2013.....	20

Introdução

O Banco de Dados da Luta pela Terra (Dataluta) é um projeto do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária (Nera), vinculado ao Departamento de Geografia da Unesp, campus Presidente Prudente. O Dataluta é elaborado por uma rede de grupos de pesquisa vinculados a várias universidades brasileiras, do qual o Laboratório de Estudos Territoriais (LABET) é integrante. O LABET é composto por professores e acadêmicos de graduação e de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus Três Lagoas, e analisa, desde 2012, dados de ocupações, assentamentos, manifestações, estrutura fundiária e estrangeirização da terra em Mato Grosso do Sul, para compor os dados do Dataluta-MS.

A equipe do Dataluta-MS tem como fonte de pesquisa os jornais de maior circulação em Mato Grosso do Sul, a saber: Correio do Estado (Campo Grande), O Progresso (Dourados) e Jornal do Povo (Três Lagoas). Os itens pesquisados referem-se ao percurso metodológico traçado para todos os grupos em nível nacional e, para tanto, levanta informações sobre ocupações, manifestações e estrangeirização de terras na perspectiva da espacialização e territorialização destas lutas no Estado. A metodologia empregada é a seguinte: recorte dos jornais com matérias das lutas no Estado; leitura diária desses recortes; recolhimento dessas informações: data da realização da luta, local ou município, número de famílias ou de participantes, movimento; inserção das informações em um banco de dados; arquivamento dos recortes; digitalização e arquivamento eletrônico dos recortes.

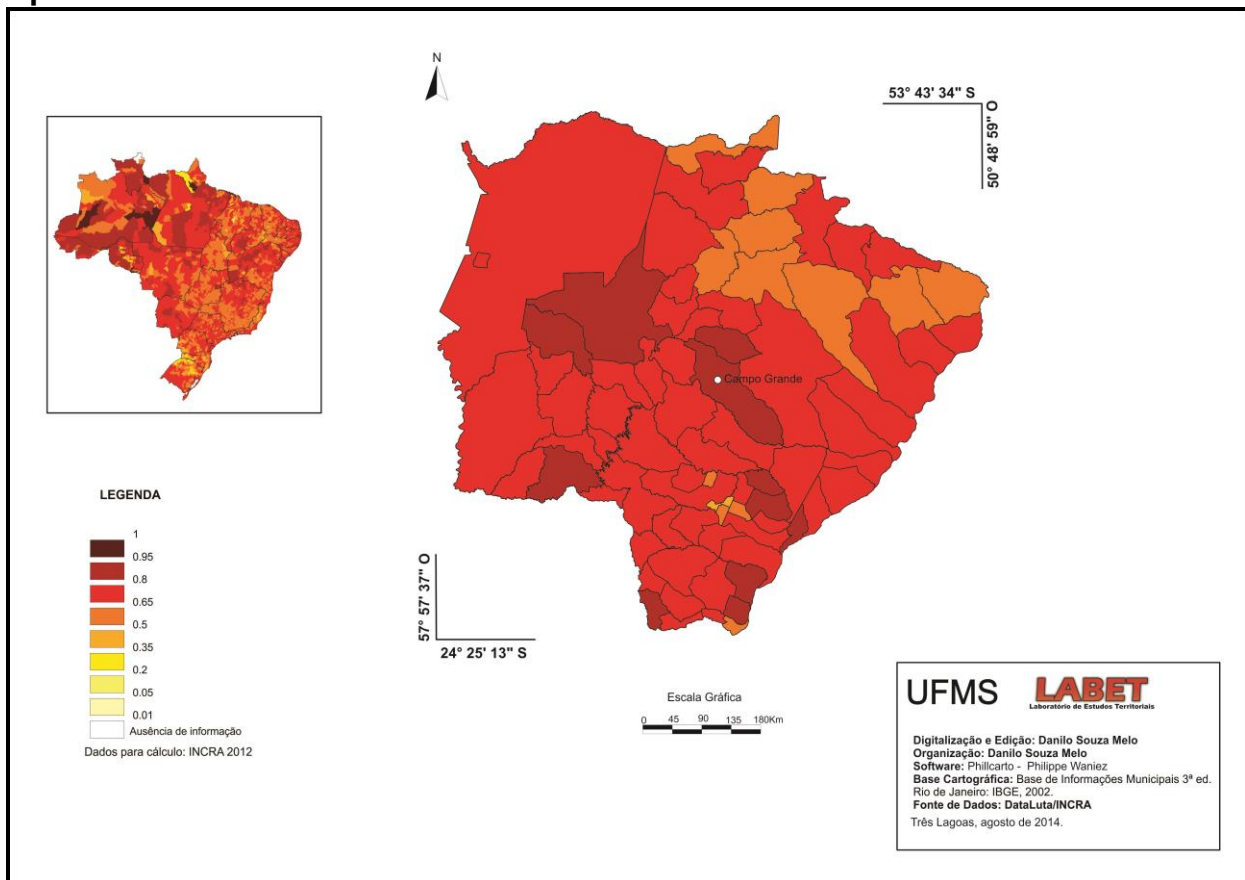
O presente relatório apresenta dados referentes ao ano de 2013. Estes demonstram certas nuances que, compreendidas em contextos mais gerais, apontam para a diminuição das ocupações de terras realizadas por movimentos camponeses, como o MST. Por outro lado, tem-se também algumas características peculiares ao Mato Grosso do Sul, como a luta dos indígenas pela retomada de seus territórios tradicionais, ocupados pelos latifundiários fortemente vinculados ao agronegócio. Para efeitos comparativos, foram utilizados dados do período 2000 a 2013, objetivando a elaboração de gráficos, tabelas e mapas sobre ocupações de terra, manifestações, e de 1972 a 2013 para assentamentos rurais e estrutura fundiária.

Estrutura fundiária

O Estado de Mato Grosso do Sul tem estrutura fundiária concentrada, justamente pelo processo histórico de apropriação capitalista da terra, fortemente ligada ao latifúndio da pecuária extensiva e, nos últimos tempos, ao avanço do agronegócio da soja, da cana e do eucalipto. No mapa 1, pelo Índice de Gini, nota-se o maior índice de concentração fundiária no Oeste do Estado, justamente no Pantanal, região tradicional de criação de bovinos. Também, no Centro-Sul do Estado a concentração fundiária é expressiva, justamente nas áreas de conflitos fundiários entre os latifundiários, os camponeses e os indígenas, região ocupada via transformação de terras tradicionais em capitalistas desde as primeiras décadas do século XX. No Centro-Sul do Estado encontra-se a maior concentração de assentamentos e de reservas indígenas e, nos últimos anos, lócus de conflitos pela retomada dos territórios tradicionais, entre estes últimos e os latifundiários.

O Leste do Estado há, também, forte concentração fundiária, região de avanço da monocultura de eucalipto e da instalação de indústrias de celulose, como Fibria e Eldorado, modificando a estrutura econômica, substituindo as pastagens e expulsando os trabalhadores do campo.

Mapa 1 – Mato Grosso do Sul: Índice de Gini da estrutura fundiária - 2012



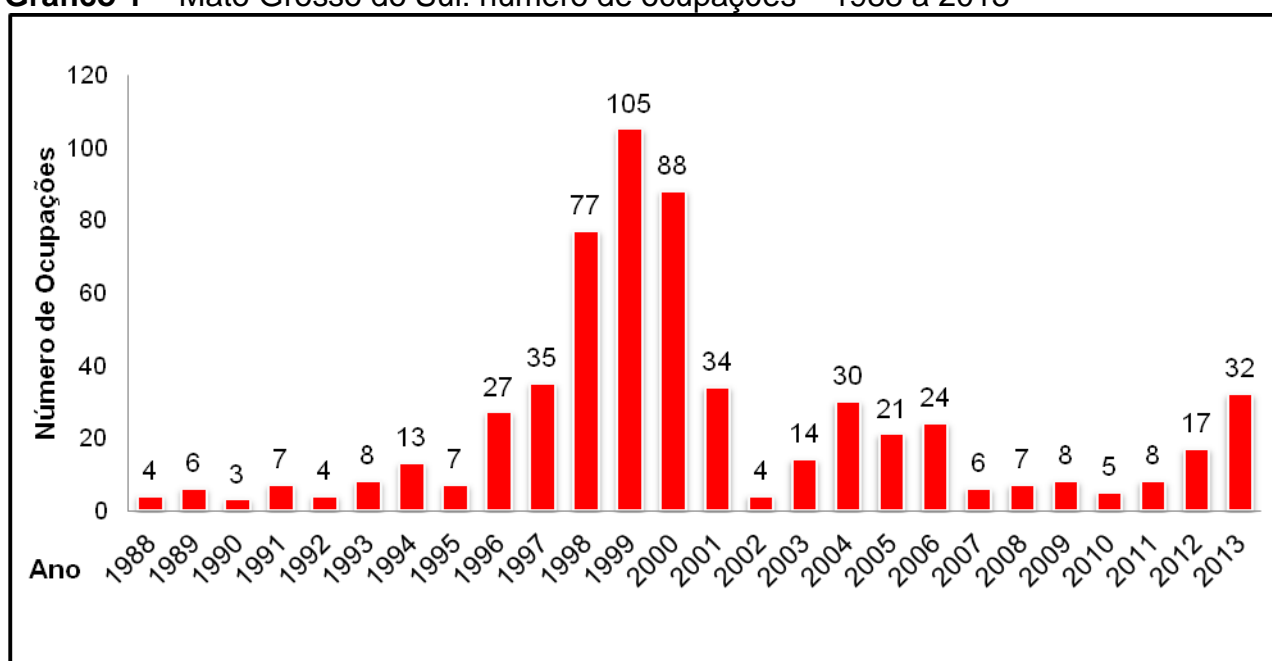
Fonte: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária/Dataluta – 2012.

Ocupações de terra

No gráfico 1, nota-se a diminuição gradativa de ocupações de terra em Mato Grosso do Sul, de 2000 a 2012, reflexo das mudanças na conjuntura da economia brasileira que, nos últimos anos, promoveu o aumento da renda dos brasileiros. O aumento da renda contribuiu para a diminuição do número de pessoas arregimentadas pelos movimentos sociais de luta pela terra, principalmente pelo MST. Além disso, o MST adotou outras estratégias de luta, especialmente ações de combate ao agronegócio, eleito o principal “inimigo” da reforma agrária por entender que este excluiu pela produtividade. Nos últimos anos, uma parte do agronegócio contribuiu para a diminuição das terras improdutivas, pois espalharam-se pelo campo os monocultivos de cana, soja e eucalipto, aparentando, portanto, um campo produtivo no lugar dos antigos latifúndios improdutivos. Contribuiu, também, para a diminuição das ocupações de terra em Mato Grosso do Sul certo alinhamento do MST com o Governo Federal, diminuindo o uso desta forma de pressão para a execução da reforma agrária no Estado. Atualmente, a pauta do MST está mais ancorada no acesso às políticas públicas, principalmente ao crédito e aos programas de comercialização direta.

Todavia, no ano de 2013 houve aumento das ocupações de terra no Estado de Mato Grosso do Sul aos níveis do ano de 2001, superando os anos de 2002 a 2012. Das 32 ocupações ocorridas no ano de 2013, 31 relacionam-se aos movimentos indígenas de retomada de seus territórios tradicionais, principalmente no Sul do Estado.

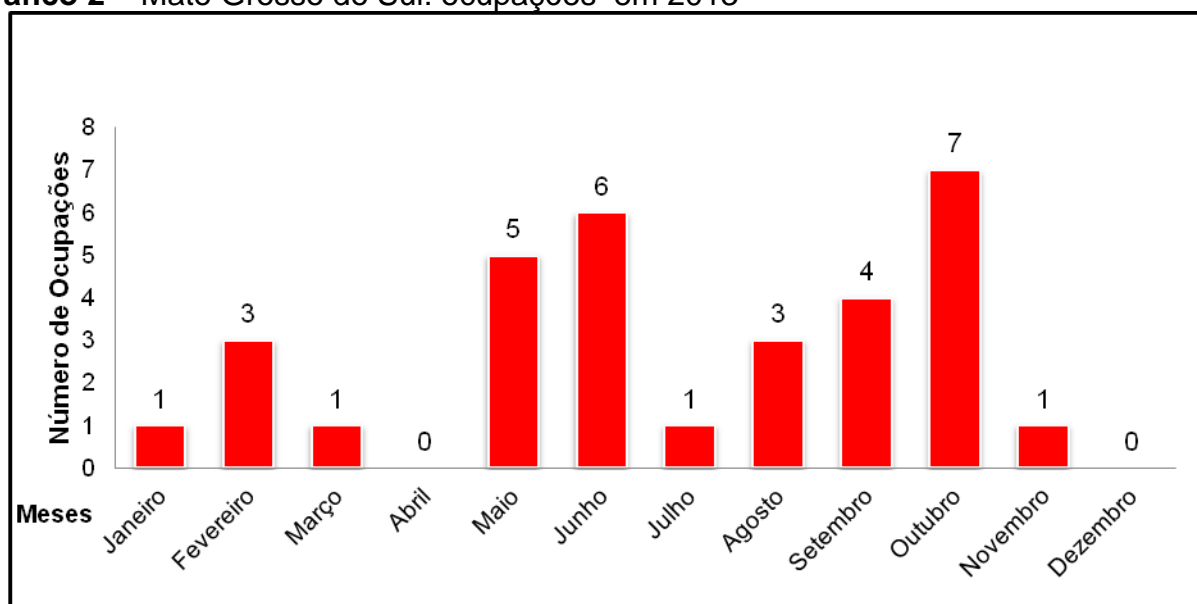
Gráfico 1 – Mato Grosso do Sul: número de ocupações – 1988 a 2013



Fonte: DATALUTA - Banco de Dados da Luta pela Terra, 2014.

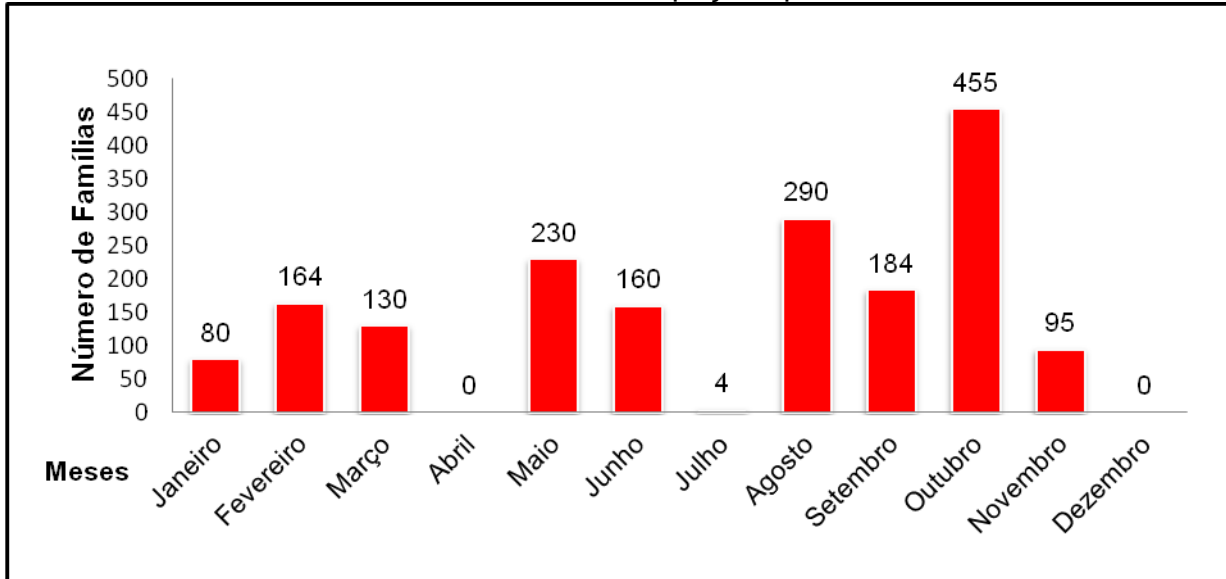
Foram 32 ocupações de terra no decorrer de 2013 (gráfico 2) concentradas, principalmente, nos meses de maio, junho e outubro. Na tabela 1, percebe-se nitidamente os indígenas como os principais protagonistas na luta pela terra em Mato Grosso do Sul, totalizando 31 das 32 ocupações. A luta indígena é pela retomada dos seus territórios tradicionais, ocupados nas primeiras décadas, do século XX, por latifundiários com forte apoio do Estado. Este confinou os Guarani e Terena, principalmente, em pequenas reservas no Sul do antigo Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul e titulou grandes extensões de terras a não índios, principalmente para uma elite econômica do Estado e do país. Os conflitos são mais acentuados na Região de Dourados e mais ao Sul, na fronteira com o Paraguai.

Gráfico 2 – Mato Grosso do Sul: ocupações em 2013

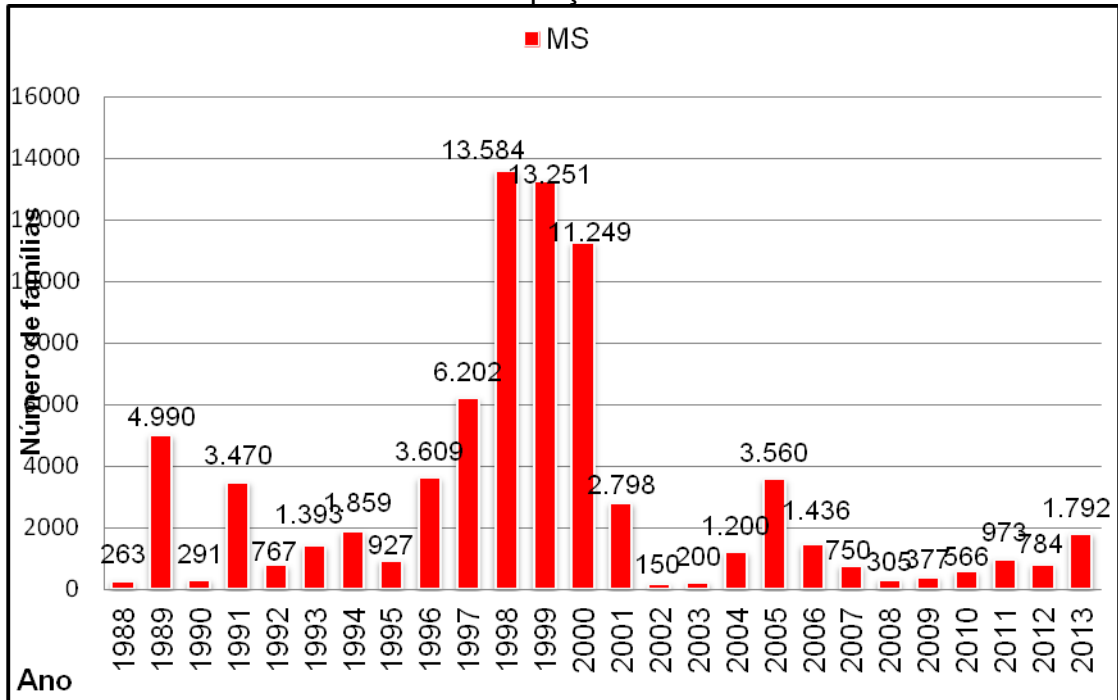


Fonte: DATALUTA - Banco de Dados da Luta pela Terra/LABET, 2014.

Assim, como a diminuição no número de ocupações, o número de famílias em ocupações de terra também sofreu recuo no decorrer dos anos 2000, como pode ser observado no gráfico 3. O auge do número de famílias em ocupações de terra foi entre 1997 e 2000, declinando consideravelmente a partir de então. No ano de 2013, de certa forma, o número de famílias em ocupações aumentou em relação aos anos anteriores da década de 2000, principalmente pelas ações dos movimentos indígenas no Sul de Mato Grosso do Sul MS (gráfico 4 e mapa 2).

Gráfico 3 – Mato Grosso do Sul: número de ocupações por família – 2013

Fonte: DATALUTA - Banco de Dados da Luta pela Terra/LABET, 2014.

Gráfico 4 – MS: número de família em ocupações de terra – 1988 a 2013

Fonte: DATALUTA – Banco de Dados da Luta pela Terra, 2014.

Tabela 1 – MS: número de ocupações por movimento socioterritorial – 1988 a 2013

MOVIMENTO SOCIAL	Nº DE OCUPAÇÕES
N/I	205
CONTAG	113
MOVIMENTO INDÍGENA	110
CUT	89
MST	68
MOVIMENTOS CONJUNTOS	10
MTR	8
FETRAF	4
TERRA LIVRE	2
FUVI	1
UFT	1

Fonte: DATALUTA – Banco de Dados da Luta pela Terra/LABET, 2014.

Tabela 2 – Mato Grosso do Sul: ocupações por movimento social - 2013

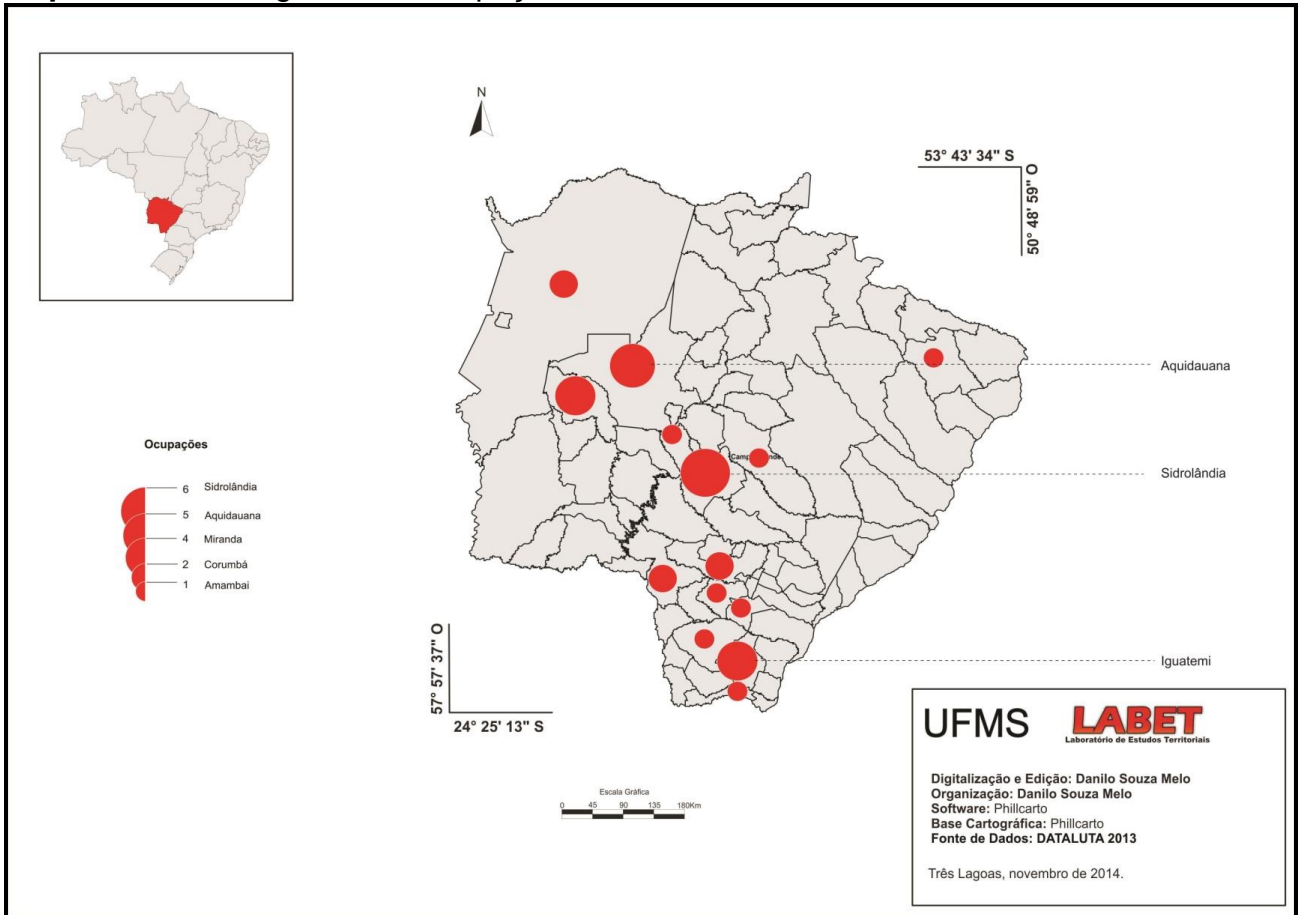
Nome do Movimento	Nº de ocupações	Nº de famílias
Movimento indígena	31	1.712
Terra Livre	1	80
TOTAL	32	1.792

Fonte: DATALUTA - Banco de Dados da Luta pela Terra/LABET, 2014.

O mapa 2 retrata a localização das ocupações de terra em 2013. As ações foram mais presentes no Sul de MS, justamente pela transformação da terra indígena e camponesa em propriedade capitalista. As populações indígenas foram removidas de seus territórios e confinadas em reservas dos atuais municípios de Sidrolândia, Aquidauana, Miranda, Caarapó, Juti e Dourados, por exemplo. Feito o processo de “limpeza” da terra, camponeses foram atraídos para o Sul do Estado para a derrubada das matas com o intuito de formação de pastagens nos latifúndios para engorda de gado, principalmente pela firmação de contratos de parceria e de meação. Posteriormente à formação de pastagens, populações camponesas foram expulsas da terra, engrossando a fileira de sem terra nas periferias das cidades ou nos acampamentos às margens das estradas. Nas últimas décadas do século XX e início do XXI, houve significativo avanço do agronegócio no Sul de Mato Grosso do Sul, principalmente pelos monocultivos de soja e de cana e, por outro lado, o aumento das ações dos movimentos indígenas pela retomada de seus territórios.¹

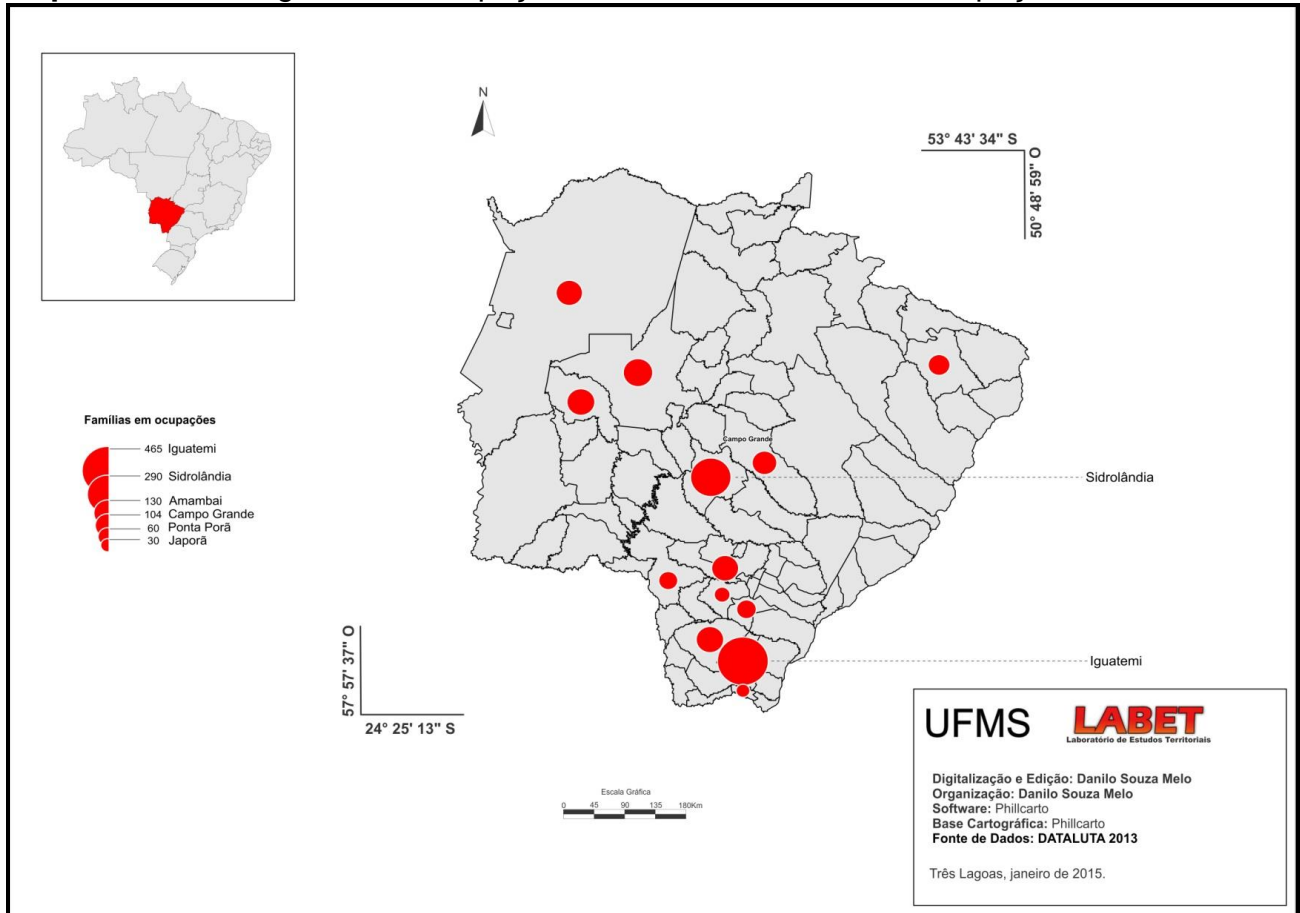
¹ Para saber mais sobre a questão agrária em Mato Grosso do Sul, ver: ALMEIDA, R. A. (Org). A questão agrária em Mato Grosso do Sul: uma questão disciplinar. Campo Grande: EdUFMS, 2008; ALMEIDA, R. A. de. Aliança terra-capital em Mato Grosso do Sul: redefinições no campo e na cidade. In: SILVA, E. A.,

Mapa 2 – MS: Geografia das ocupações de terra – 2013



Fonte: DATALUTA – Banco de Dados da Luta pela Terra/LABET, 2014.

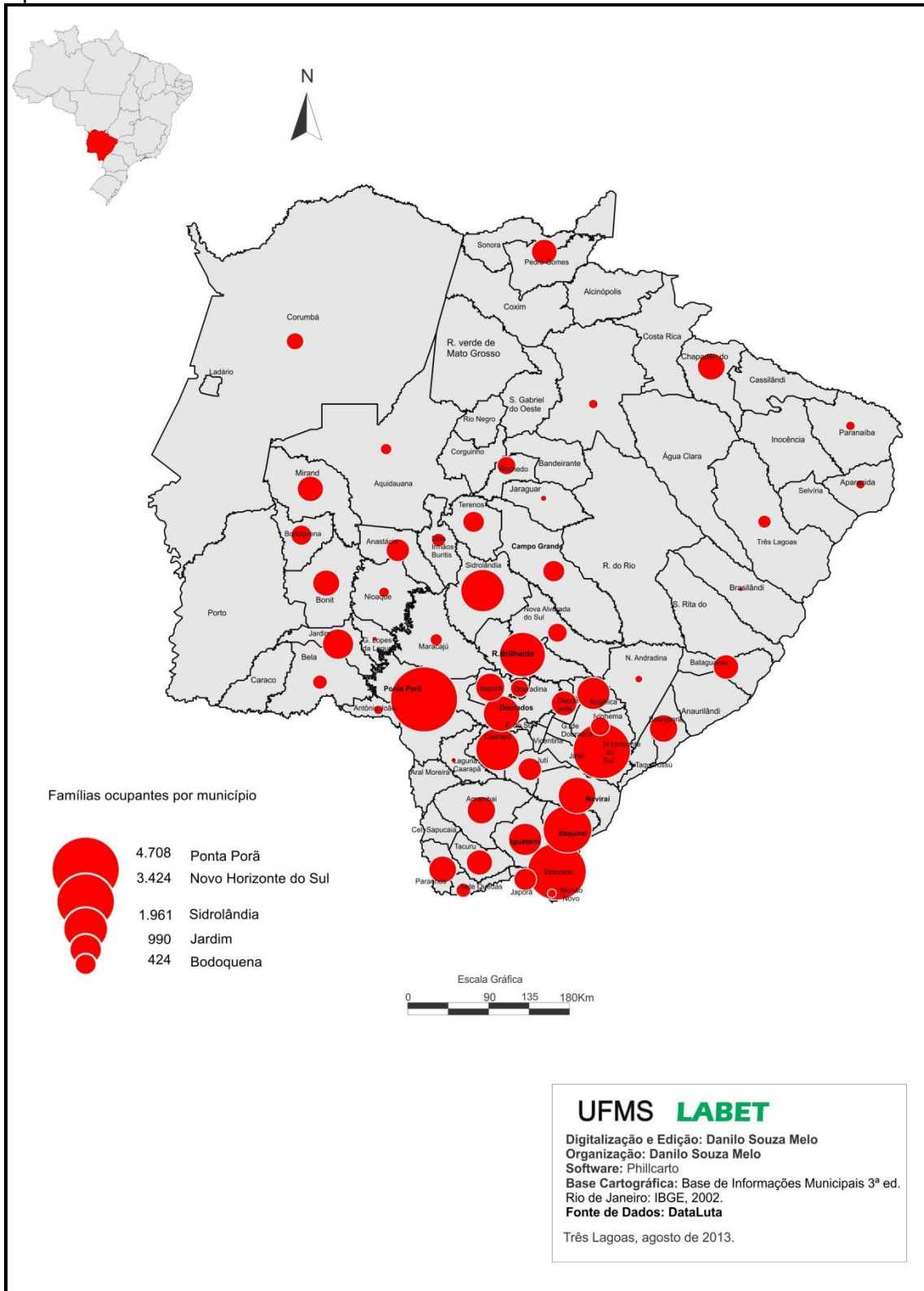
Mapa 3 – MS: Geografia das ocupações de terras – famílias em ocupações –2013



Fonte: DATALUTA – Banco de Dados da Luta pela Terra/LABET, 2014.

O mapa 4 demonstra a distribuição espacial do número de famílias em ocupação de terra entre 2000 e 2013. Nota-se, claramente, a correspondência com o mapa 2, ou seja, a maior concentração no Sul do Estado.

Mapa 4 – MS: Geografia das ocupações de terra – número de famílias em ocupações por município – 2000 a 2013



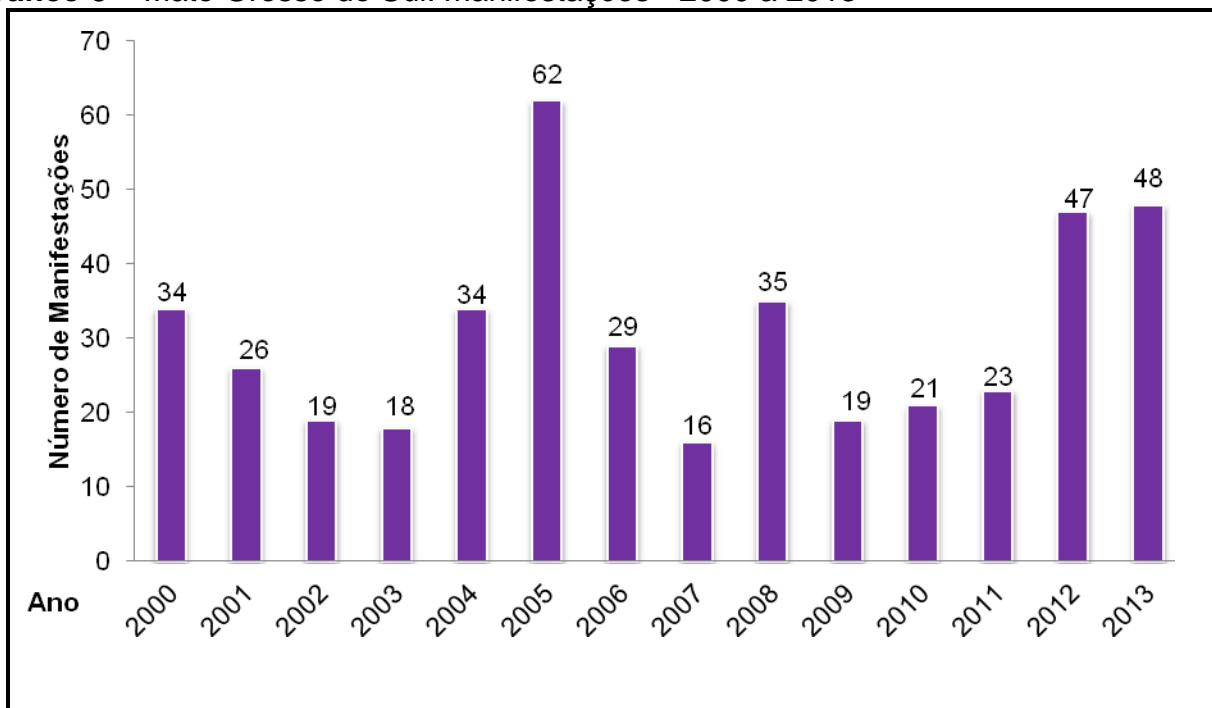
Fonte: DATALUTA – Banco de Dados da Luta pela Terra/LABET, 2013.

Manifestações

O gráfico 5 representa o número de manifestações (2000 a 2013) de luta pela terra em Mato Grosso do Sul, principalmente em 2012 e 2013. Com a redução das ocupações, outras estratégias de luta foram incorporadas pelos movimentos sociais, principalmente os camponeses. Assim, as manifestações tornaram-se a principal forma de luta para reivindicação, tanto de camponeses como de indígenas.

Nesta tipologia analisada, conforme a tabela 3, o MST e os movimentos indígenas foram os principais protagonistas das manifestações no ano de 2013. Os movimentos indígenas destacaram-se nas manifestações, totalizando 16 ações, das 48, envolvendo 9.050 pessoas.

Gráfico 5 – Mato Grosso do Sul: manifestações - 2000 a 2013



Fonte: DATALUTA - Banco de Dados da Luta pela Terra, 2014.

Tabela 3 – Mato Grosso do Sul: manifestações por movimento social – 2013

Nome do Movimento	Nº de Manifestações	Nº de pessoas
Movimentos indígenas	16	9.050
MST	12	3.000
Movimentos conjuntos*	8	7.800
CONTAG	5	N.I
Outros	7	4.700
TOTAL	48	24.550

* MST/CUT, INDIGENAS/MST, MST/MMC/MLRA

Fonte: DATALUTA - Banco de Dados da Luta pela Terra/LABET, 2014.

Tabela 4 – MS: número de manifestações por movimento social – 2000 a 2013

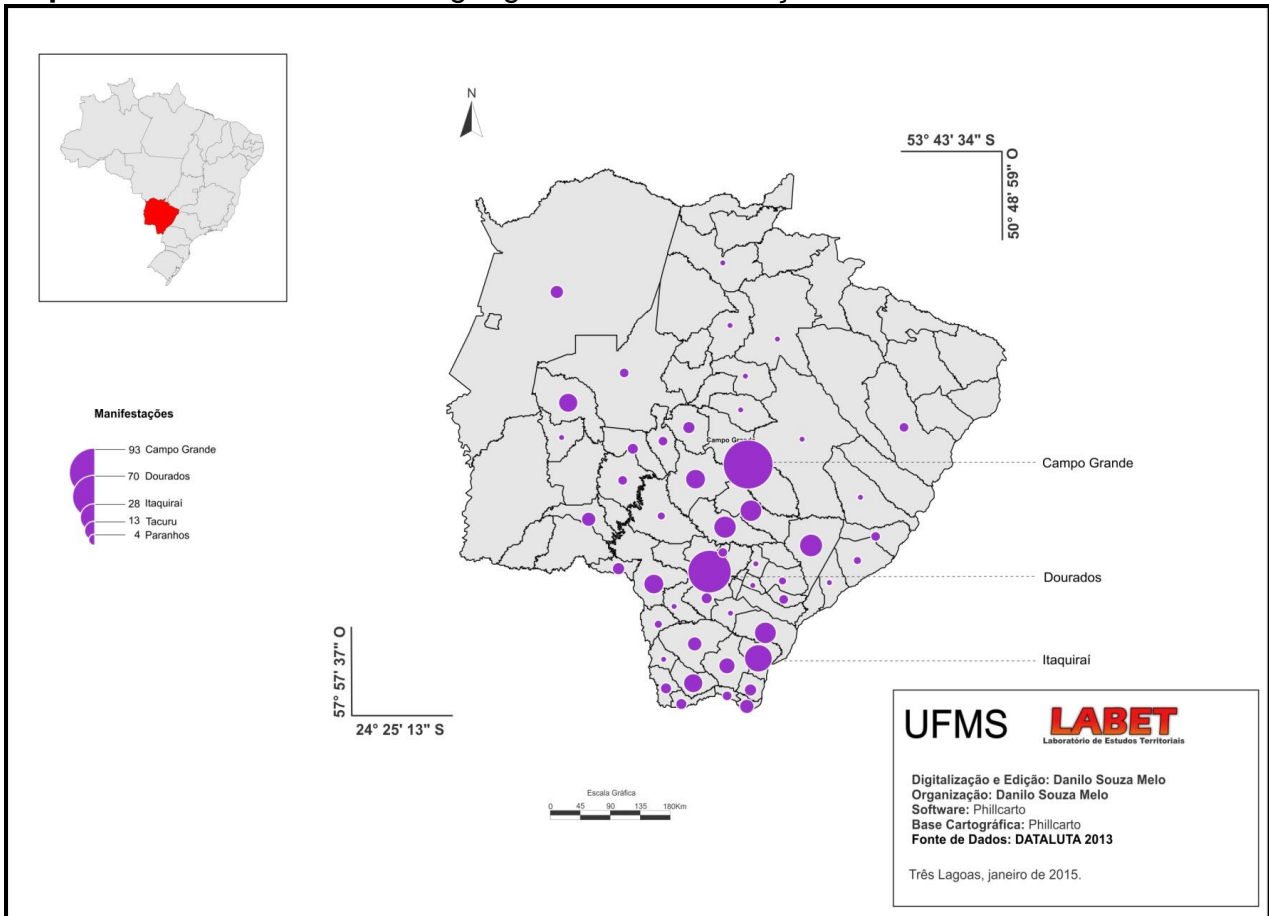
NOME/SIGLA DA ORGANIZAÇÃO	Nº MANIFESTAÇÕES
MST	112
MOVIMENTO INDÍGENA	102
MOVIMENTOS CONJUNTOS	72
CONTAG	69
N/I	34
CUT	13
FETRAF	13
MTR	4
FUVI	2
VIA CAMPESINA	2
CPT	1
FTR	1
CIMI	1
ANMTR	1
Sindicato rural de Sete Quedas	

Fonte: DATALUTA – Banco de Dados da Luta pela Terra/ LABET/LAGEA, 2013.

Nos mapas 5 e 6, evidencia-se a concentração das manifestações no Sul de MS. Indubitavelmente, há mais atuação dos movimentos camponeses e dos movimentos indígenas porque este território está em disputa, logo há uma centralização territorial dos conflitos por meio das duas formas de luta: ocupação e manifestação.

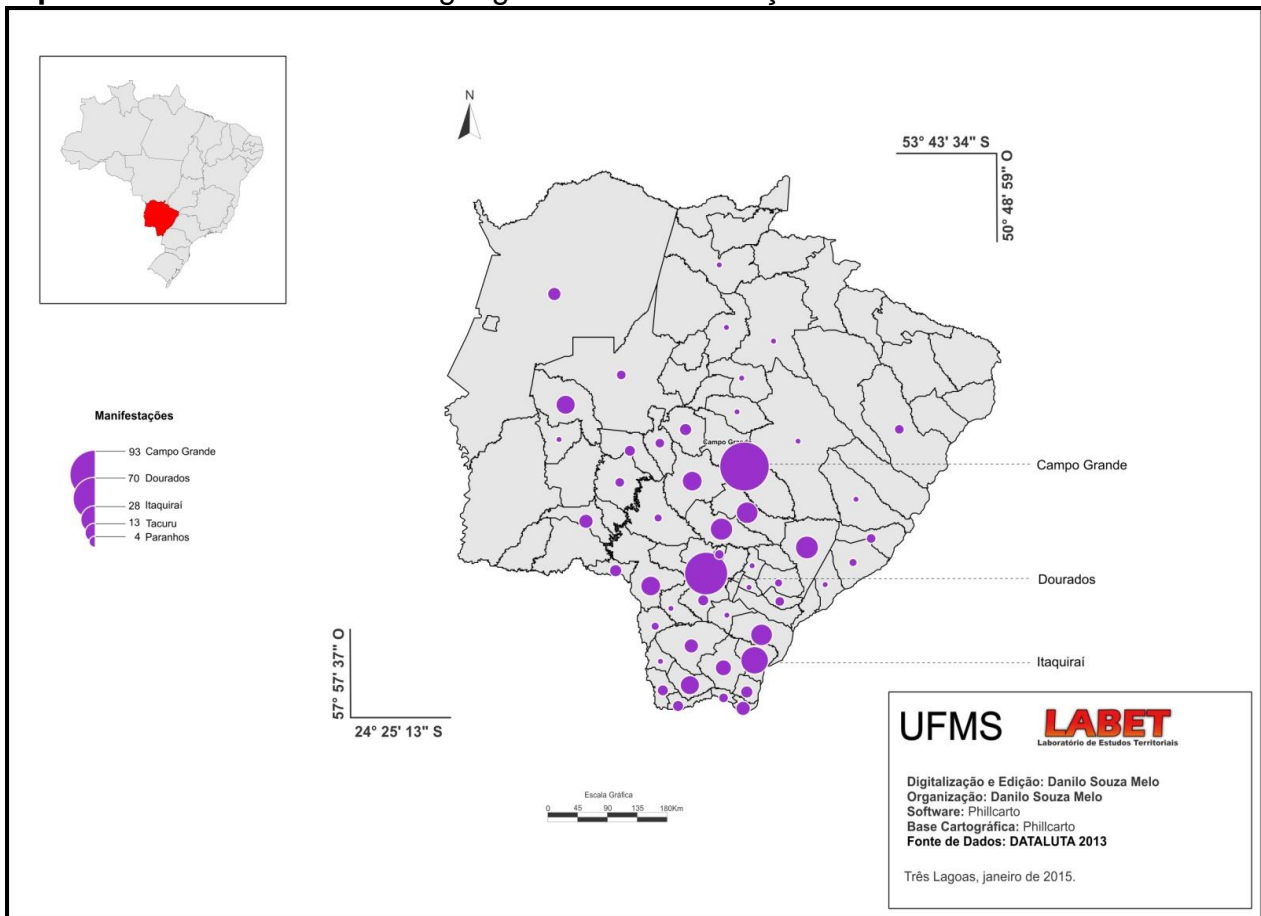
No Leste do Estado, principalmente na microrregião de Três Lagoas, a incipiência das ações dos movimentos sociais e sindicais, principalmente do MST, contribui para o avanço do agronegócio ligado ao setor de papel e celulose, expulsando os trabalhadores do campo, principalmente das antigas fazendas de criação de gado e dos camponeses assentados, via cercamento dos assentamentos de reforma agrária.

Mapa 5 – Mato Grosso do Sul: geografia de manifestações – 2000 a 2013.



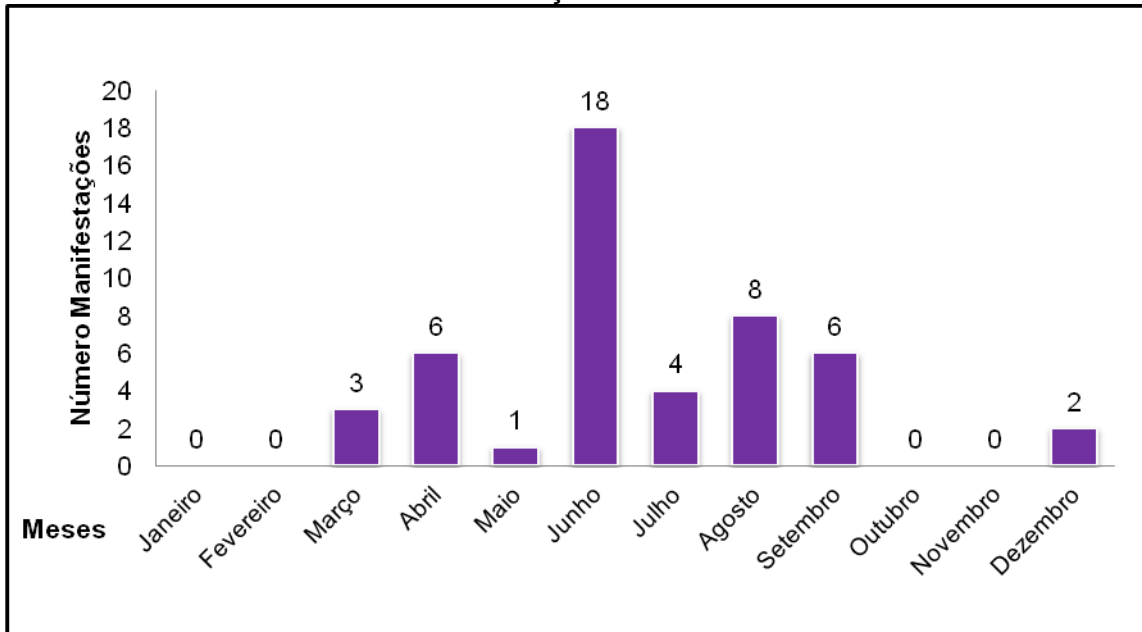
Fonte: DATALUTA - Banco de Dados da Luta pela Terra, 2014.

Mapa 6 – Mato Grosso do Sul: geografia de manifestações – 2013.

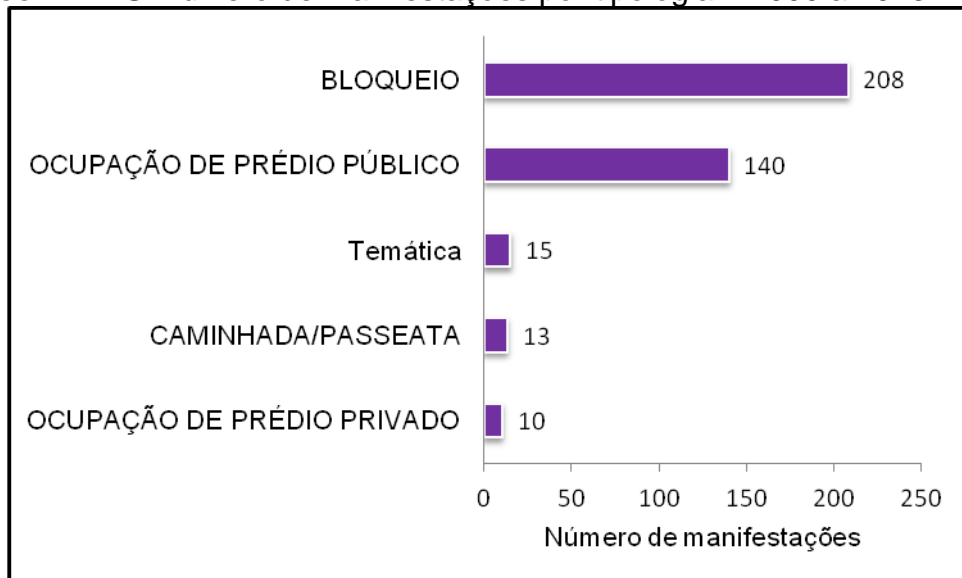


Fonte: DATALUTA - Banco de Dados da Luta pela Terra/LABET, 2014.

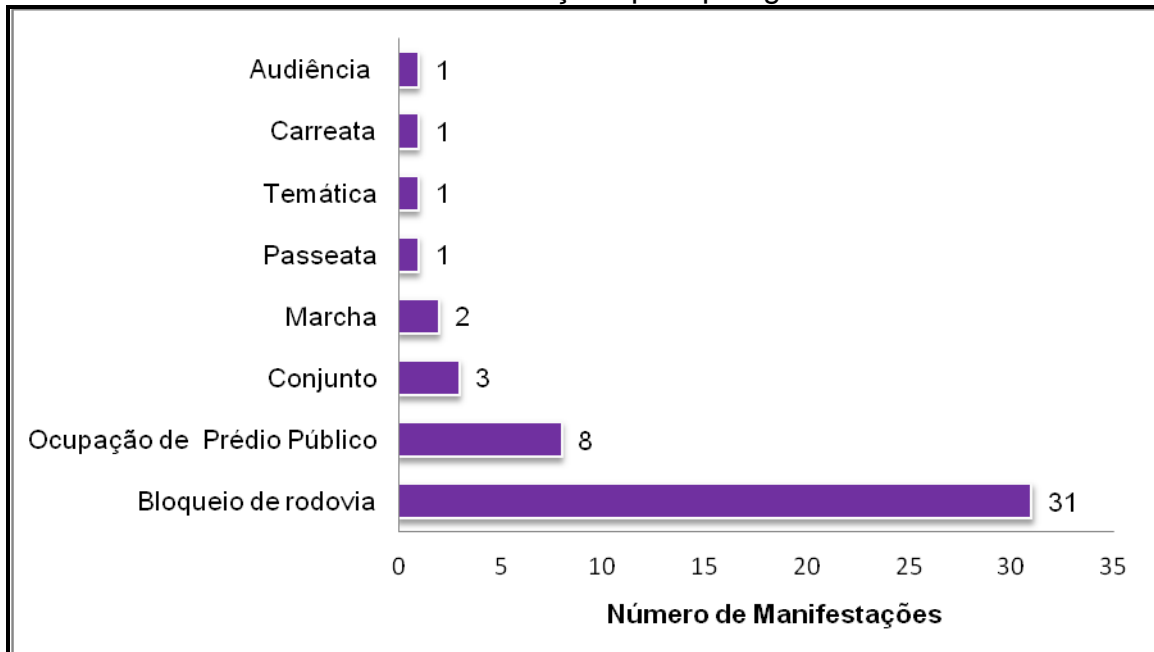
Em 2013, as manifestações distribuíram-se por 8 meses, mas concentraram-se no mês junho – conforme dados do gráfico 6. Os 31 bloqueios de rodovias e as 8 ações de ocupação em prédios públicos, foram as principais formas de manifestação no ano de 2013, conforme os dados do gráfico 8. A série histórica (2000 a 2013) também confirma as duas ações como fundamentais na luta – conforme o gráfico 7.

Gráfico 6 – Mato Grosso do Sul: manifestações – 2013

Fonte: DATALUTA - Banco de Dados da Luta pela Terra/LABET, 2014.

Gráfico 7 – MS: número de manifestações por tipologia – 2000 a 2013

Fonte: DATALUTA – Banco de Dados da Luta pela Terra/ LABET/LAGEA, 2013.

Gráfico 8 – Mato Grosso do Sul: manifestações por tipologia – 2013

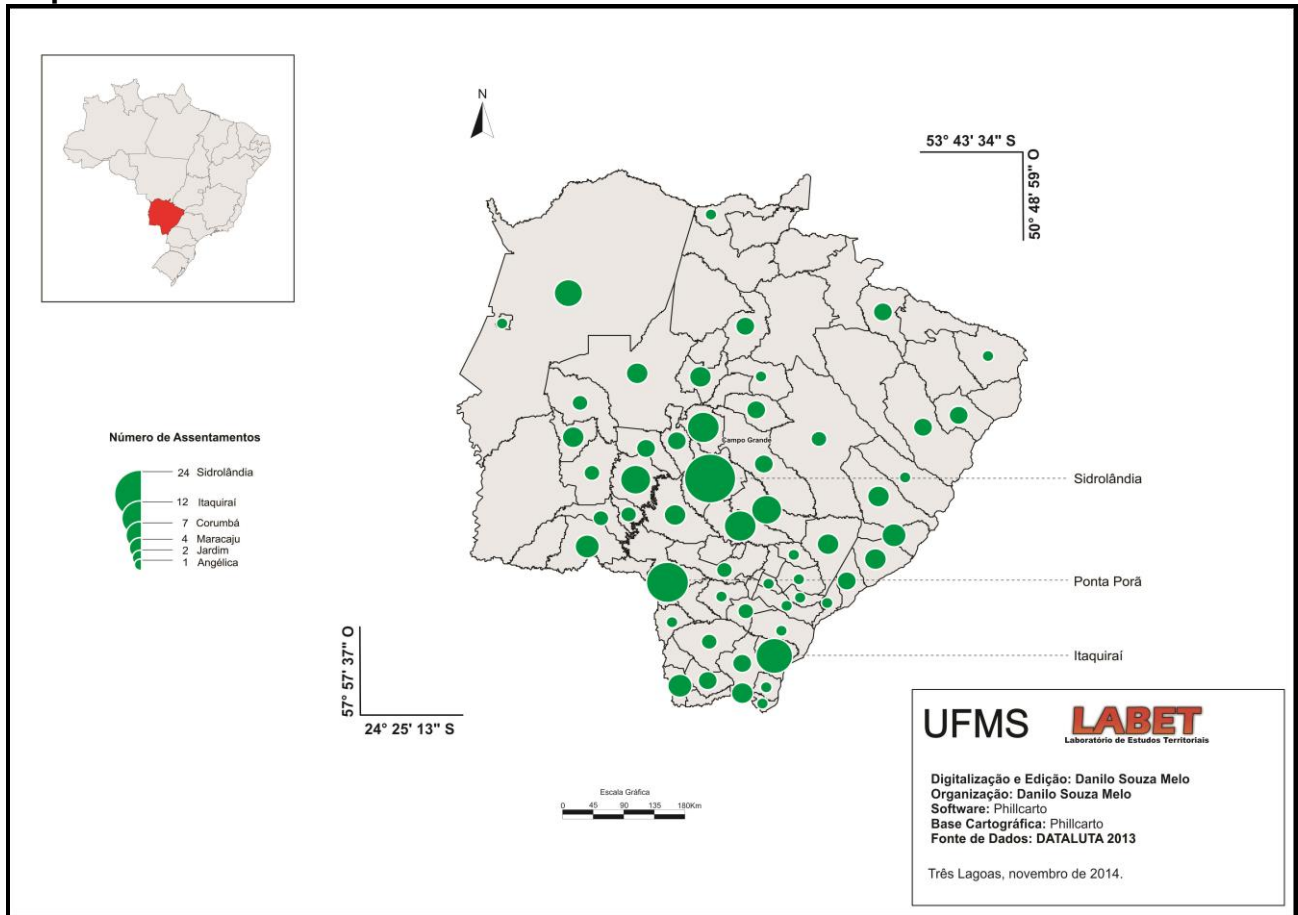
Fonte: DATALUTA – Banco de Dados da Luta pela Terra/LABET, 2014.

Assentamentos rurais

No mapa 7, nota-se a concentração de assentamentos rurais no centro-sul do Estado de Mato Grosso do Sul, justamente na região foco de ações dos movimentos camponeses e indígenas. Portanto, parece haver relação entre luta pela terra e luta na terra, ou seja, os conflitos ocorrem onde há mais assentamentos conquistados. A hipótese é que as mobilizações precisam de recursos humanos e materiais para o enfrentamento, e estes recursos estão nas frações do território conquistado. No Norte, Leste e Oeste do Estado o quantitativo de assentamentos rurais é significativamente inferior ao centro-sul, assim como o enfrentamento por meio das ocupações e manifestações.

Nos anos 2000, houve significativa variação no número de assentamento rurais no Estado, com redução dos assentamentos nos últimos anos do segundo mandato de Luís Inácio Lula da Silva. A estagnação da reforma agrária ocorreu no Governo Dilma, pela não implantação de novos assentamentos (anos 2011, 2012 e 2013 – gráfico 9). A situação indica mudanças significativas na política agrária nacional, no sentido de movimento de retrocesso com conseqüente alinhamento do governo com o agronegócio.

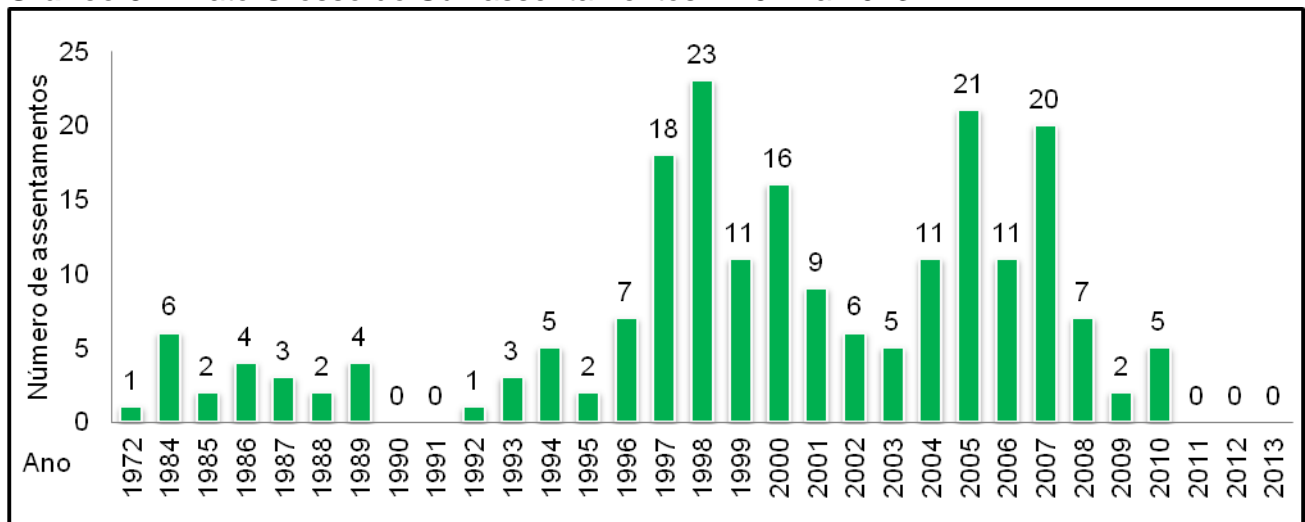
Mapa 7 – Mato Grosso do Sul: assentamentos – 1972 a 2013



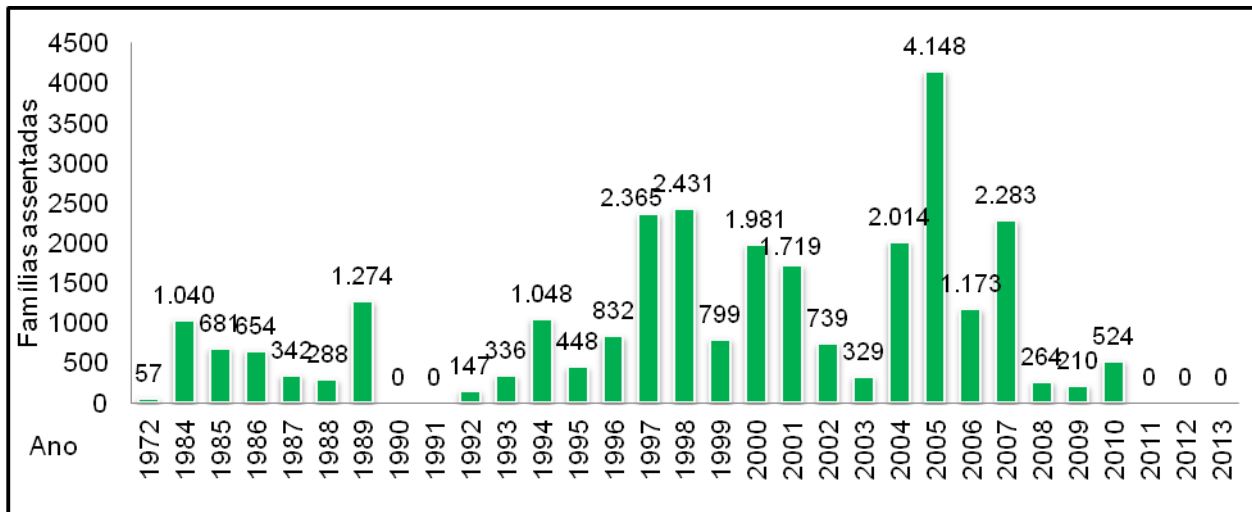
Fonte: DATALUTA - Banco de Dados da Luta pela Terra, 2014

O gráfico 10 demonstra o número de famílias assentadas entre 1972 e 2013. Nota-se a queda expressiva a partir do ano 2008, concomitante à redução do número de assentamentos (gráfico 9).

Gráfico 9 – Mato Grosso do Sul: assentamentos – 1972 a 2013



Fonte: DATALUTA - Banco de Dados da Luta pela Terra, 2014.

Gráfico 10 – Mato Grosso do Sul: famílias assentadas – 1972 a 2013

Fonte: DATALUTA - Banco de Dados da Luta pela Terra, 2014.